



Leon. Brasil

14 ABR 1983

O alerta de Antônio Ermírio

O empresário Antônio Ermírio de Moraes, do grupo Votorantim, não tem dúvidas: a crise econômica é realmente séria e, "se não forem tomadas providências urgentes, é a reta final da Nação". Ele fez essa advertência ontem, ao deixar o Palácio do Planalto, onde se encontrou com o ministro do Planejamento, Delfim Neto.

E, na opinião do empresário paulista, a crise se estenderá pelo menos por mais dez anos, e isto se houver muito trabalho. "O problema brasileiro é sério, e antes de 1990 ninguém vai sair deste buraco", previu.

Ermírio de Moraes esteve com Delfim Neto em companhia do empresário José Mindlim, presidente do grupo Metal Leve, mas disse que não tratou com o ministro de problemas econômicos, mas de questões ligadas à Real Beneficência Portuguesa, de São Paulo, da qual é provedor. O diretor-superintendente do grupo Votorantim, entretanto, não se esquivou de comentar com os jornalistas tredenciados no Palácio do Planalto a situação econômica do País.

Para ele, a simples revisão da política salarial não contribuirá para resolver a crise que a Nação atravessa. "Há coisa mais importante a mexer do que na lei salarial, como o setor financeiro, que está sugando as empresas produtoras. Por que então o Banco Central não administra as taxas de juros se tem poderes para isto? Não existe o Conselho Interministerial de Preços para tabelar os produtos? Não se tabelam as matérias-primas? Por que então não se tabelar a matéria-prima das matérias-primas, que é o dinheiro?"

O superintendente do grupo Vtorantim atribui, ainda, às altas taxas de juros cobradas pelos bancos a reativação dos índices inflacionários, prevendo que a inflação deste ano alcançará, no mínimo, 120%, mesmo assim se houver uma redução nas taxas mensais. Se houver uma inflação de 7% no mês de abril, raciocina ele, no final do ano o índice estará perto dos 130%.

Ele não concorda, porém, com a tese do professor Octávio Gouvêa de Bulhões, para quem as autoridades econômicas deveriam adotar um tratamento de choque para fazer os índices inflacionários baixarem a um patamar suportável, através do corte de todo e qualquer subsídio. "Eu sempre fui contra o subsídio. Ele pretende ser um estímulo, mas acaba se tornando um vício. Mas já que ele existe, tem de ser extirpado gradualmente, porque senão o enfermo acaba morrendo. Você então teria um índice de desemprego muito maior que o atual, e o agravamento das tensões sociais."

Ermírio de Moraes acha, porém, que as manifestações ocorridas na semana passada em São Paulo não foram promovidas por desempregados. "Eu mesmo andei pelas ruas na hora das manifestações e pude constatar que a maioria era uma rapaziada baderneira, desencadeando desordens. Mas a situação do emprego no País é muito séria, e se o governo não trabalhar com um plano sério de distribuição de terras devolutas e dando condições para que o homem volte para o campo, aí tudo torna-se imprevisível. Porque se o País for obrigado a recorrer à moratória ou ao calote, então será o desastre, a revolução. E para resolver seus atuais problemas é necessário que o setor financeiro colabore, reduzindo as taxas de juros cobradas das empresas, passando a ganhar menos dos recursos que já concentrou e distribuindo um pouco mais, mesmo que isso possa parecer poesia", concluiu o empresário.